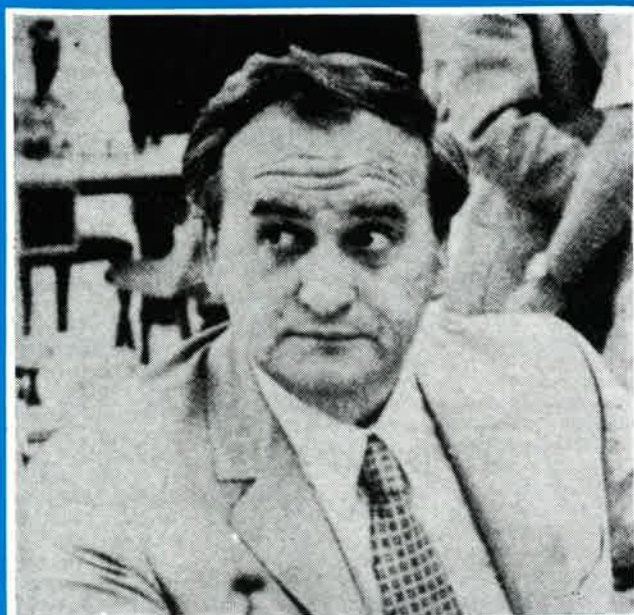
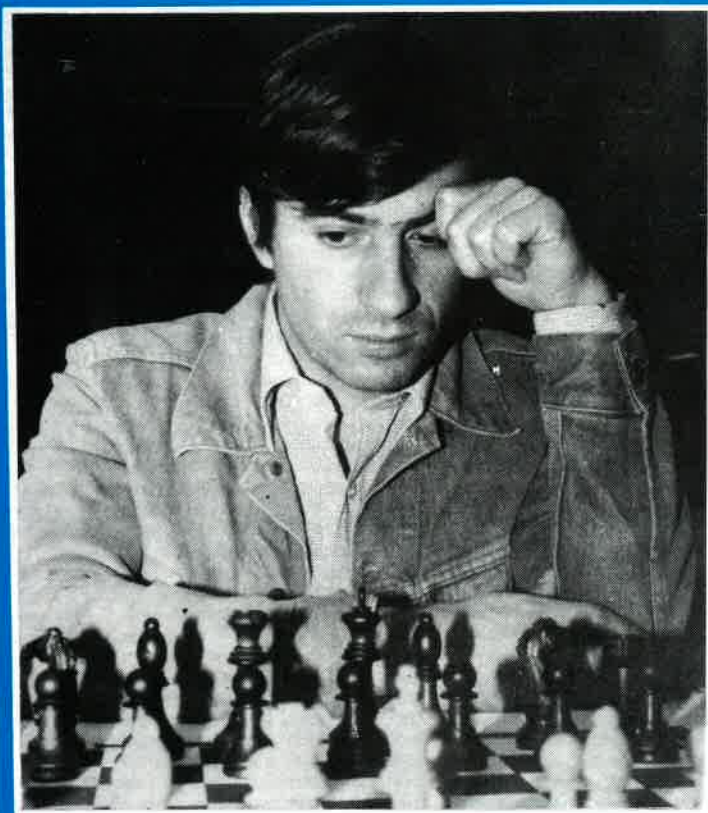


xadrez

**TORNEIO ZONAL 11
VELIMIROVIC, LJUBOJEVIC
E IVKOV APURADOS
PARA OS INTERZONAIS**



**MATCH
LISBOA-PORTO
POR RÁDIO**

**Em exclusivo:
entrevista com
Ljubojevic**

SUMÁRIO

- 182 I Lisboa — Porto por Rádio
- 183 Finais em Quarteto
- 184 Campeonato Mundial de Juniores
- 185 Temas táticos: a Coluna Vertical
- 186 Internacional
- 187 Consulta
- 188 Campeonato Mundial Feminino
- 190 Torneio Zonal 11
- 193 Campeonato Mundial Masculino
- 198 Problemas: Os Impossíveis
- 199 Entrevista com Ljubojević

Proprietária e editora: Federação Portuguesa de Xadrez — **Sede de redacção:** Álvaro Pereira, José Oliveira, José Pereira dos Santos, José de Sousa, José Vinagre, Luis Santos, Miguel Costa, Rui Nascimento, Rui Silva Pereira, Sobreda Antunes, Tomé Duarte, Vasco Santos, Victor Silva — **Fotografia:** Álvaro Fernandes — **Capa:** Júlio Quirino, Victor Cardoso — **Colaboram neste número:** António P. Santos, Barbero, Fernando Silva, Graham Morrison, José António Gonçalves, José Masculo, Ljubomir Ljubojević — **Delegação no Porto:** António Cabral, Eduardo Monteiro, Fernando Timóteo, Gomes da Rocha, Henrique Magro, Manuel Matos — **Correspondentes:** Cássio Martins (S. Paulo-Brasil), Joaquim Serra (Setúbal), Justino Carvalho, Pedro Palhares — **Outros colaboradores:** Agostinho Roxo, Américo Rebordão, Fátima Silva, Isabel Rodrigo, José de Almeida.

Director: Simões Nunes — **Corpo Redactorial:** Álvaro Augusto Fernandes (chefe de redacção), Álvaro Pereira, José Oliveira, José Pereira dos Santos, José de Sousa, José Vinagre, Luis Santos, Miguel Costa, Rui Nascimento, Rui Silva Pereira, Sobreda Antunes, Tomé Duarte, Vasco Santos, Victor Silva — **Fotografia:** Álvaro Fernandes — **Capa:** Júlio Quirino, Victor Cardoso — **Colaboram neste número:** António P. Santos, Barbero, Fernando Silva, Graham Morrison, José António Gonçalves, José Masculo, Ljubomir Ljubojević — **Delegação no Porto:** António Cabral, Eduardo Monteiro, Fernando Timóteo, Gomes da Rocha, Henrique Magro, Manuel Matos — **Correspondentes:** Cássio Martins (S. Paulo-Brasil), Joaquim Serra (Setúbal), Justino Carvalho, Pedro Palhares — **Outros colaboradores:** Agostinho Roxo, Américo Rebordão, Fátima Silva, Isabel Rodrigo, José de Almeida.

Administrador-delegado: Jorge Morgado

Composição e impressão: GRUA Artes Gráficas, Lda, Calçada dos Barbadianhos, 114-A, Lisboa

Tiragem: 5.000 exemplares

Distribuição: Agência Portuguesa de Revistas

Preço por número: 25\$00 — **Assinatura semestral:** 130\$00 — **Assinatura anual:** Portugal: 240\$00, Espanha: 320\$00, Europa e países africanos de expressão portuguesa (via aérea): US\$9.00, Restantes países (via aérea): US\$12.00, ou o equivalente noutras moedas. Números atrasados: 15\$00 até ao nº 17, 25\$00 o nº 18 e seguintes.

I Lisboa - Porto por rádio



Uma imagem da equipa de Lisboa

Na madrugada de 10 de Dezembro último algo de inédito aconteceu em termos de competição desportiva em Portugal. Pela primeira vez disputou-se um "match" através das ondas sonoras — ao alcance do público ouvinte. Destacamos esta última particularidade, porque desde há muito — segundo nos informaram — que há rádio-amadores que através dos seus transmissores particulares têm jogado entre si. A modalidade desportiva em causa, como não podia deixar de ser, foi o xadrez. Não é possível conceber outra, em que adversários à distância de centenas de quilómetros (e podiam ser mais, como já aconteceu, por exemplo, no "match" Estados Unidos — União Soviética, em 1945) possam disputar um jogo...

O xadrez numa nova etapa de difusão. Na circunstância, radiodifusão... Depois do Portugal — Holanda via telex, tivemos nessa madrugada (histórica para o xadrez) o I Porto — Lisboa via rádio (designa-se esta ordem porque a iniciativa partiu dos portugueses e eles jogaram com brancas no tabuleiro 1.

A hora em que se processou a inédita competição — praticamente desde as 2 da madrugada às 7 da manhã — não terá alcançado, naturalmente, a audiência que seria de desejar. Mesmo assim, tanto quanto sabemos e conjecturamos, foi um lançamento importante na propagação do xadrez e mais uma notável demonstração da vasta capacidade de realização deste jogo (para além da competição normal, em ritmo diverso, as "simultâneas", a via postal, morse, telex, rádio — até espacial... — televisão e até "às cegas"). Num salão como num comboio ou avião. Ou em dois estúdios de estação emissora, um em Lisboa, outro no Porto, como foi o caso.

Na capital, instalou-se a equipa lisboeta no estúdio principal do Quêlhas, onde acompanhámos o original "match". Os seis jogadores: António Fernandes, Álvaro Pereira, António Pereira dos Santos, Rui Silva Pereira, João Sequeira e Luis Ochoa. Árbitro: Rui Pedrosa Franco, presidente da Associação de Lisboa, coadjuvado por Albano Ilharco, do mesmo organismo. Locução a cargo de Virgílio Proença e Tomé Duarte, este assistente duplamente técnico — de rádio e de xadrez... Além da operadora Teresa, numa cabina contígua, e entrada por saída de um ou outro técnico, mais ninguém naquela vigília... Em suas casas ou nos táxis por esse país fora, muitíssimos mais, com certeza — e admirados pela insólita comunicação em códigos, que só os xadrezistas podiam entender...

Aménizando a transmissão (a xadrezística, porquanto o "match" se processou ao longo do programa "Música na Madrugada", com os habituais noticiários de actualidade de permeio), Virgílio Proença foi fazendo umas entrevistas com os circunstantes. Não sabíamos então se no estúdio do Porto faziam o mesmo. Ninguém se lembrou de levar ao menos um transistor — e em casa de ferreiro, espeto de pau... Só ouvíamos através dos auscultadores de serviço. Em regra era o Tomé Duarte que transmitia e recebia os lances; Virgílio Proença — sempre bem disposto e descontraído — fazia a reportagem... à sua maneira. Pouco ou nada deve perceber de xadrez (fartou-se de chamar "simultânea" ao "match" e de pedir e anunciar "posições", que eram os lances...), mas nunca o seu sentido de improvisação e imaginação estiveram em xeque. A transmissão das jogadas é que era num ritmo demasiado lento. Tinha de ser no intervalo dos discos e noticiários. Cremos que foram os portugueses os primeiros a descobrir a tática de transmitir os lances de modo a que quando chegava a vez dos lisboetas, tinham de esperar pelo fim dos noticiários para transmitir. Refira-se que os lances de cada equipa eram emitidos todos de uma vez, em série. Isto ocasionava grandes transtornos e dificuldades nos tempos de reflexão, pelo que, por fim, foram muitos os acertos e bônus de tempo. Houve mais o espírito de ensaio da nova modalidade do que propriamente de competição — embora, tecnicamente, as partidas se desenvolvessem, na maioria, desde a abertura, com singular combatividade, a ver se se podia "despachar" algum jogo... Apesar disso, não foi possível concluir nenhum, em termos normais de competição — e em seis horas não se passou dos 13, 14, 15 lances. Exactamente porque só eram transmitidos nos intervalos das músicas e dos noticiários. Antes das 7 horas, fechou inexoravelmente. Os portugueses ainda queriam prosseguir via telefónica, mas além de sair muito caro, os de Lisboa já estavam com sono e esfomeados. Vem a talho de foice dizer que a meio da madrugada apareceu o Álvaro Fernandes — que aliás não pôde passar da portaria, porque "aqueilo" na RDP para lá entrar de noite, é um problema... — que nos valeu com uma provisão de sandes, laranjadas e tabaco. Também trouxe a sua magnífica máquina fotográfica — mas não há dúvida de que quem a manejava não foi quem fotografou o gato do nosso concurso de legendas...

Reproduzimos a seguir as "mini-partidas históricas", o que quase dispensa notas de reportagem de como decorreram as partidas.

Diremos apenas que:

Antônio Fernandes sentiu-se o jogador mais frustrado da noite. Por mais propostas de lances condicionais que fizesse, levou 6 horas para fazer os lances "enciclopédicos" da "espanhola" que ele faz em 6 minutos...

Álvaro Pereira foi muito abraçado quando se atreveu a fazer o Gambito Lisboa em honra das cores da cidade que representava; mas viu-se algo atrapalhado com o contra-gambito do Porto, do Sílvio Santos, vendo "combinações" do adversário por todo o lado; a partida mais complicada da noite acabou por se simplificar em 15 lances.

António Pereira dos Santos ficou "escandalizado" quando os do Porto, no final, ao fazer-se o balanço das viabilidades de empates, disseram que ele tinha posição inferior. O Fernando de Castro tem que lhe provar isso, por A+B quando se encontrarem num frente-a-frente no tabuleiro...

Ao invés, o Rui Silva Pereira sorriu quando lhe disseram que os portugueses consideravam que ele estava melhor. "Não sabia" — comentou ele.

João Sequeira levou muito a sério o "match". Ele tinha sido o único a vencer no "telex-match" com a Holanda e não queria ficar atrás na via-rádio.

Luis Ochoa garantia que estava muito melhor; o seu maior problema eram os cigarros a esgotarem-se e nem trouxera cachimbo...

Por fim, e pelo telefone, os dois capitães — Álvaro Pereira e Sílvio Santos — acordaram em empatar todas as partidas. Para experiência já bastava. Agora, o que é preciso — aproveitando os ensinamentos dessa mesma prática — é a continuação. Se possível, a outra hora, mais acessível ao grande público, xadrezistas inclusivé. E até com alvitres válidos dos ouvintes... Xadrez via rádio — uma via a explorar!

VASCO SANTOS

JORGE GUIMARÃES (Porto) — **ANTÓNIO FERNANDES** (Lisboa)

1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Bb5 (Abertura Rui Lopez) a6 (defesa Morphy) 4. Ba4 Cf6 5. 0-0 Be7 ("variante fechada") 6. Te1 b5 7. Bb3 d6 8. c3 0-0 9. h3 Ca5 10. Bc2 c5 11. d4 Dc7 12. Cbd2 Te8 13. Cf1 Bf8 14. Bg5 Cd7



ÁLVARO PEREIRA (Lisboa) — **SÍLVIO SANTOS** (Porto)

1. d4 f5 2. g4 (gambito Lisboa) d5 3. gxf5 Bxf5 4. c4 e5 (contra-gambito Porto? ...) 5. Cc3 Bd4 6. Bg2 Cf6 7. dxe5 Ce4 8. Db3 Cc6 9. Be3 Bxc3+ 10. bxc3 Ca5 11. De4 +c6 12. cxd5 Cxc3 13. Dd4 Cxd5 14. Bxd5 Dxd5 15. Dxd5 cxd5



PEDRO PALHARES (Porto) — **JOÃO SEQUEIRA** (Lisboa)

1. c4 (Abertura Inglesa) Cf6 2. Cc3 e6 3. Cf3 d5 4. d4 c5 (defesa Tarrasch do gambito da dama, por inversão) 5. Bg5 cxd4 6. Cxd4 e5 7. Cc2 d4 8. Cd5 Ce6 9. Bxf6 gxf6 10. e4 dxe3 n.p. 11. Cxe3 Cc6 12. Da4 Bg7 13. Cb4 0-0.



LUIS OCHOA (Lisboa) — **JOSÉ VERISSIMO** (Porto)

1. e4 c5 (defesa siciliana) 2. Cf3 Cc6 3. d4 Cxd4 4. Cxd4 g6 (variante do Dragão) 5. Cc3 Bg7 6. Be3 Cf6 7. Bc4 d6 8. f3 Db6 9. Ccb5 Da5+ 10. c3 a6 11. b4 Dd8 12. Cxc6 bxc6 13. Cd4 Bd7.



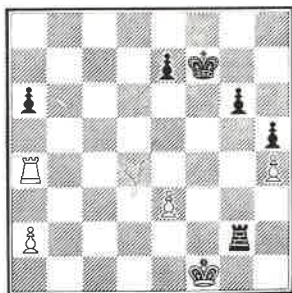
FINAIS

Finais em Quarteto

Parece não restarem dúvidas de que o final é a parte mais negligenciada do xadrez, mas por vezes ocorrem posições cuja beleza e interesse nada ficam a perder em confronto com outras fases do jogo. E se há quem precise de ser convencido, nada melhor que experimentar a seguinte "sinfonia" orquestrada por este quarteto de "maestros".

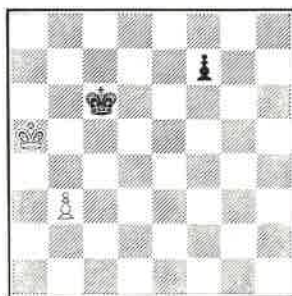
Para começar nada mais apropriado do que uma magistral demonstração a cargo de um dos maiores finalistas de sempre. O grande BOTVINNIK, a quem obviamente compete o lance.

I
TAIMANOV — BOTVINNIK



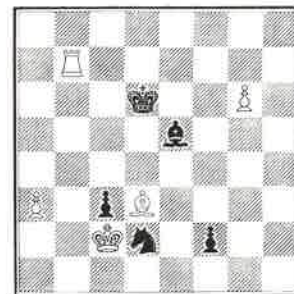
E agora para descansar, um simples final. Poderão as pretas, que têm o lance, ganhar?

II
LJUBOJEVIC — BROWNE



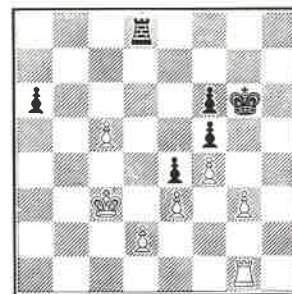
Como poderão as pretas jogar se pretendem ganhar, já que é insuficiente 1...f1=D 2. Bxf1 Cxf1 3. g7 etc.?

III
SZABO — HOLMOV



O grande mestre Larsen é reconhecido pelo seu espírito empreendedor e combinativo sobretudo no meio-jogo. Como consequência a sua "maestria" nos finais de partida é por vezes menosprezada. Mas neste exemplo, Larsen, que tem o lance, demonstra bem que se deve contar com ele, em qualquer fase do jogo.

IV
LARSEN — WADE



JOSÉ VINAGRE

(Solução na pág 199)

Revista Portuguesa de Xadrez 183

1. d4 Cf6 2. c4 e5 (gambito Budapest)
3. dxe5 Cg4 4. e4 Cxe5 5. f4 Cg6 6. Be3
Bb4+ 7. Cc3 0-0 8. Bd3 Ch4 9. Rf2 Bxc3
10. bxc3 f5 11. g3 fxe4 12. Be4 Cg6
13. Dd5+ Rh8 14. Bc2 Cc6.



RUI SILVA PEREIRA (Lisboa) – JOSÉ AZEVEDO (Porto)

1. e4 c5 (defesa siciliana) 2. Cf3 d6 3. d4
cxd4 4. Cxd4 Cf6 5. Cc3 a6 (variante Najdorf)
6. Bg5 e6 7. Dd3 Cbd7 8. 0-0-0 Da5 9. f4 Cc5
10. De3 b5 11. e5 b4 12. exf6 bxc3 13. Bc4.



SOLUÇÕES

COMBINAÇÕES

58 (EUWE – RETI) 1...Bh3!! 2. Dxa8 Bc5+
3. Rh1 Bxg2+! 4. Rxxg2 Dg4+ 5. Rf1 Df3+
6. Re1 Df2++ 1:0

59 (DESCHAPPELLES – DE LABOURDONNAIS) 1. Cxh6+ gxh6 2. Dh8+!! Rxh8
3. Rf7 Tf8+ 4. Rxf8 1:0 (o mate 5. Bf6++ é
imparável)

60 (ZARNUDIO – ALEKHINE) 1...Bh2+!
2. Rh1 (2. Rxh2? Cf3+) f4! 3. Cg4 f3!
4. gxf3 Cxg4 5. Dxe8 Bg1! 0:1

ESTUDOS E FINAIS

58 (HERBERG) 1. Bd1+ Ra5 2. Be2 Ra4
3. Ba6 (Se 3. Bf1 a5) Ra5 4. Bf1 Ra4 5. Bg2
(h3) ganha porque se 5...a5 6. Bc6++

59 (ISENEGGER) 1. d4 f3 2. Bd3 Rf4
3. Bh7 Rg3 4. Rc2 f2 5. Bd3 Rf3 6. Rxb2
Re3 7. Rc3 ganha

60 (BLANDFORD) 1. Bd4+ Ra8 2. c4 Cd2
3. c5 Cb3 4. c6 Ca5 5. c7 Cc6 6. c8=T
(6. c8=D? Cb8+ empata)

PROBLEMAS

58 (STOCCHI) 1. Cxe6, am. 2. e3xf4++. O
cavalo é tomado três vezes, com mates diferen-
ciados por pregação da peça branca e defesa
directa. Tema Stocchi.

59 (HARLEY) 1. Bxd3. Bloqueio com ma-
tes mudados e adicionados.

60 (SHINKMAN) 1. Ta6 b7xa6 2. Tb4 (se
1...b7-b6 2. Bd4)

Campeonato do mundo de juniores

Em Graz, na Áustria, disputou-se o 17º Campeonato Mundial de Juniores, em que Portugal esteve representado por Pedro Palhares. Venceu o soviético Dolmatov com 10 1/2 de 11. Classificaram-se a seguir: 2º Yusupov 10, 3º Fries-Nielsen 9, 4º Bjork, 5º Barbero, 6º Sisiniega 8 1/2, 7º van der Wiel 8, 8º Toshkov, 9º Ristic, 10º Foisor, 11º Karolyi 7 1/2. Palhares classificou-se abaixo das suas possibilidades.

G. MORRISON (Escócia) – L. ORTEGA (Cuba)
Benoni

1. Cf3 Cf6 2. c4 e6 3. d4 c5 4. d5 exd5
5. cxd5 d6 6. Cc3 g6 7. e4 Bg7 8. Bg5 h6
9. Bh4 g5 10. Bg3 Ch5 11. Bb5+ Rf8 (Se
11...Bd7 12. Ce5±) 12. e5! (um lance desco-
berto há cerca de dois anos e muito jogado pelo
Gm inglês Tony Miles) a3 13. e2 Cxg3 (Se
13...g4 14. Bh4 Db6 15. 0-0! gxf3 16. Bxf3 ±)

14. fxxg3 g4 15. Ch4 Bxe5 16. 0-0 Tg8
17. Dd3! (Ameaça simplesmente 18. Cg6+)
Dg5 18. Ce4 Dg7 19. Rh1! (permite às brancas
dobrar as torres na coluna f) b5 20. Tf2 Re7
(bom lance! O rei negro tentaciona fugir para a ala
de dama) 21. Taf1 Ta7 22. Cf6! Bxf6 (Se
22...Tf8 23. Ch7 ou 23. Ch5 Dg5 24. Cg6+
em ambos os casos com vantagem decisiva bran-
ca) 23. Txf6 Dxf6 24. Txf6 Rxf6 25. Dh7 Te8
26. Dxxh6+ Re7 27. h3!! (As brancas conse-
guem três coisas com este lance: a) ameaça tro-
car os bispos de casas brancas b) dão ao seu rei
uma casa de fuga e c) permitem ao bispo colabo-
rar no ataque) gxh3 28. Bh5! hxg2+ 29. Rxxg2
a5 30. Bxf7 Rxf7 31. Dh7! Rf6 32. Dg6! 1:0
(mas não 32. Dxa7 porque depois de 32...Cd7 a
dama branca fica fora de jogo durante um certo
tempo. Mas agora, após 32...Re7 33. Dg7+ Rd8
34. Dxa7 Cd7 as brancas jogam 35. Dxa5+
Re7 36. Cf5+ Rf6 37. Cxd6 ganhando mais
material sem que as negras tenham qualquer
contrajogo.

(comentários de GRAHAM MORRISON)

MÁSCULO (Brasil) – TARUFFI (Itália)
Inglês

1. g3 e5 2. c4 g6 3. Bg2 Bg7 4. Cc3 Ce7
5. Cf3 c5 6. a3! Cbd7 7. b4 cxb4 8. axb4
Cxb4 9. Ba3 Cbc6 (As brancas sacrificaram um
peão na abertura para obter uma posição muito
forte) 10. Ce4 0-0 11. Cd6 e4 12. Cxe4? !
(12. Cg5? ! Bxa1 13. Dxa1 f5 14. h4 com a
ideia de 15. h5 e as brancas têm vantagem de-
cisiva) d5 13. cxd5 Dxd5 14. Cc3 Dh5
15. Tb1! Td8 16. Da4 Bxc3 17. dxc3 Cd5
18. Tc1 Bh3 19. Bxh3 Dxxh3 20. c4 Cb6
21. Db3 Dg2 22. Tf1 (se 22. Tg1 Cd4 sim-
plificando) Td7 23. Bb2 Tf8 24. De3 Dh3
25. Cg5 Df5 26. Ce4 f6 (única) 27. Df4 Dxf4
28. gxf4 Tdf7 29. h4! f5? ! 30. Cg5 Te7? (Se
30. Td7 31. h5 com vantagem decisiva)
31. Ba3 Tfe8 32. Bxe8 Txe8 33. e3 Rg7
34. Re2 Rf6 35. Tfd1 Cc8 36. Td5 Tc7
37. Tcd1 38. Td7 Txc4 39. Tf7++

(notas de JOSÉ MÁSCULO)

BARBERO (Argentina) – MATEU (Espanha)
Graz, 1978

1. d4 Cf6 2. Bg5 c5

Esta é uma das respostas mais jogadas, junta-
mente com 2...Ce4, mas nenhuma das duas é
suficiente. O melhor é 2...d6!

3. Bxf6! gxf6

Por regra o melhor é retomar com o peão
afastado do centro. Neste caso, porém, isso é
essencial, pois a retoma com o peão d provoca a
debilidade da casa d5.

4. d5

Obtendo vantagem de espaço. A caracte-
rística da posição, em virtude dos peões dobrados,
é um centro travado, onde não importa desfazer-
se de um bispo, já que nela valem mais os
cavalos.

- 4...Db6

Uma jogada na abertura sem um plano, uma
série de jogadas sucessivas, que se podem tornar
comprometedoras. Veja-se a nota ao lance 7 das
negras.

5. Dc1 f5

Interessante é 5...Bh6

6. e3

Colocando os peões nas casas da cor do bispo
trocado.

- 6...Bg7 7. f3 e5?

Erro posicional por duas razões: a) deixa de-
finitivamente indefesa a casa f5; b) quando se
desenvolve o B por g7, dever-se-ia ter tomado
em consideração que o Pc3 anula a sua acção.
Consequentemente a posição exigia o avanço do
peão de cavalo de dama negra a b6 por três
motivos: a) a posição é fechada, e nelas devem-se
procurar rupturas (esta é a única possível); b) as
negras possuem o par de bispos e consequente-
mente devem abrir o jogo; c) debilita a casa d5.
Veja-se a nota ao lance 4 das negras. Outra
alternativa era 7...Dd6 8. Dd2 e6 9. Ca3!,
Tromposly-Guimard, Rio de Janeiro, 1938!

8. Ca3

A casa natural para o cavalo neste tipo de
posições.

- 8...d6

Forçado em vista da ameaça 9. Cc4 seguido
de 10. d6, estrangulando a posição negra.

9. Dc2!!

Finíssima jogada. O seu fim imediato é amea-
çar Bb5+ quebrando o roque negro. O seu fim
imediato e real é atacar o ponto débil f5 com
Ce2-g3 (f5 e h5) ou com Bd3 ou com g3, segui-
do de Bh3, etc. A "finesse" reside em que, ao
retardar o desenvolvimento do flanco de rei,
permite a possibilidade de reagir correctamente
ao plano negro ainda por definir.

- 9...Dd8

As negras defendem-se da 2ª ameaça (Bd3
obriga a e4, a partir do que a casa fica à mercê
do cavalo branco), mas não evita a 1ª.

10. Bb5+ Rf8 11. Bd3 Dg5

Defesa activa, mas melhor era 11...Df6

12. f4!!

Brilhante! Agora abre-se o jogo para o lado
mais desenvolvido e a coluna f é onde está o rei
negro. De notar que neste tipo de posições Gur-
genidze ataca a debilidade f5 desta forma

- 12...exf4 13. Cf3 De7

Ou 13...Dg4 14. exf4 Dxf4 15. 0-0 com
nítida vantagem branca.

14. 0-0! fxe3 15. Bxf5 Bxf5

Forçado, pois se 15...Ca6 16. Bxc8 Txc8
17. Df5 Te8 18. Cg5! ganhando.

16. Dxf5 Cd7 17. Tae1

Após o desaparecimento do peão de rei, úni-
ca possibilidade negra, estas estarão perdidas.

- 17...Cf6 18. Cc4 b5

Desespero, mas não há boas jogadas, por ex:
a) 18...Bh6 19. Dh3! Rg7 20. Ch4+-;
b) 18...De4 19. Dxe4 Cxe4 20. Txe3 seguido
de 21. Cxd6 (20...Cf6 21. Cxd6 Cxd6
22. Cg5)

19. Cxe3 De4 21. Dh3 h5 22. Dg3!

Fina jogada, que força a ida da torre negra a
d8, como se vê pela continuação da partida.

- 22...Td8 22. Cg5 Dg6 23. Ce6+ 1:0

Se 22...De5 23. Dh4 e as negras estão inde-
fesas contra as ameaças de Cf5 ou Tf5. A debili-
dade da casa f5 foi decisiva ao longo do curso da
partida.

(comentários de BARBERO)

A coluna vertebral

“Sem colunas não existem Eusébios!”, afirmava convictamente um amigo meu, agarrado à sua bola de trapos, quando os “Magriços” regressaram, depois de dar bailarico em Inglaterra, já lá vão mais de doze anos. Embora dando o devido desconto a que o meu citado amigo jogava autenticamente com os pés (passe a expressão) a rematar às redes e pretendia valorizar o seu trabalho no meio-campo, estas palavras, ditas no “pelado” à saída do liceu, não mais me saíram da memória.

Nessa altura, eu ainda não tinha aprendido a jogar xadrez. A pesca era realmente a única alternativa que se me deparava, depois de ter conseguido chutar ao lado, com a baliza toda aberta e o guarda-redes adversário lá para bandas do meio-campo, no jogo decisivo do campeonato do meu ano.

Mas, quando aprendi o nobre jogo, ganhei logo um certo carinho pelas colunas. Nos meus primeiros tempos, em que queria era dar mate, e com quantos mais sacrifícios melhor, estava mesmo convencido que um peão era apenas a ausência de uma coluna aberta. (Mais tarde, aperfeiçoei o meu nível de jogo, descobrindo que bom, bom, eram os peões triplicados, que me davam duas colunas a mais, sem peões a menos...)

Entretanto, começaram a aparecer-me os primeiros pelos da barba, e comecei a cortar-me... na cara e nos sacrifícios. Surgiram dois ou três cabelos brancos, e cada vez comecei a gostar mais dos finais. Mas o verdadeiro amor é sempre o primeiro! Por isso, não admira que me tenha entusiasmado ao ver outro dia a partida que se segue, em que a fila *b* foi a autêntica coluna vertebral do brilhante ataque das negras.

(E quem não ligar a pequenas histórias, talvez se convença com a Grande História: já os gregos tinham descoberto que sem colunas... os templos ficavam no chão).

ROSSETTO – ELISKASES

Rio de Janeiro, 1954

Siciliana

1. e4 c5 2. Cf3 d6 3. d4 cxd4 4. Cxd4 Cf6
5. Cc3 g6 6. f4

Uma linha pouco vulgar, em vez do habitual 6. Be3 Bg7 7. f3 0-0 8. Dd2 Cc6 9. Bc4 e que encerra um perigoso “barrete”. Na verdade, falha estrondosamente o “natural” 6...Bg7? por 7. e5!, com clara vantagem. Dezenas de partidas terminaram já da mesma sádica forma: 7...Bg4? (o melhor anda é 7...dxe5 8. fxe5 Cf4) 8. Bb5+ Cc6? 9. exf6! Bxd1 10. fxc7 Tg8 11. Cxc6 pois se 11...bxc6 12. Bxc6+ e as negras têm de interpor a dama!

- 6...Cc6 7. Cxc6 bxc6 8. e5 Cd7!

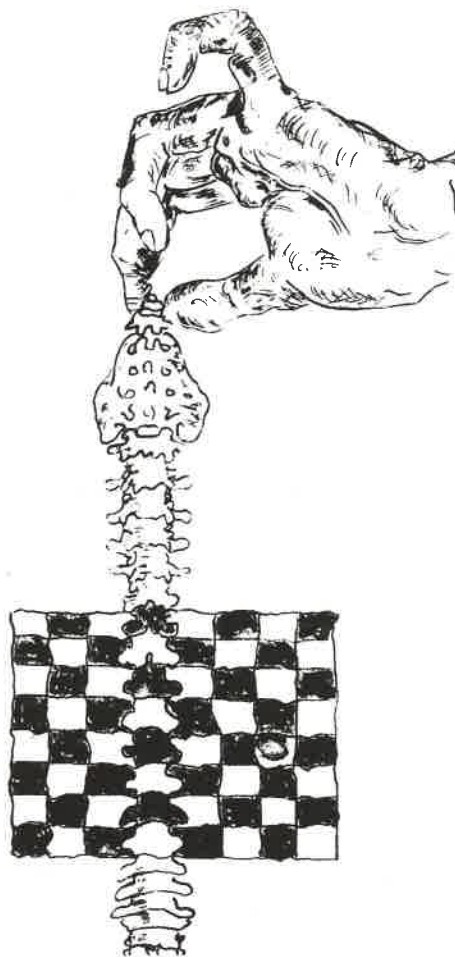
Tanto 8...Cg4 9. Df3 como 8...dxe5 9. Dxd8+ Rxd8 10. fxe5 Cg4 11. Bf4 dão melhor jogo às brancas.

9. exd6 exd6 10. Be3 De7

Um lance do próprio Eliskases. Actualmente tido por inferior, surgiu na altura como o melhor para as negras, dois anos antes martirizadas com 10...Be7 11. Dd2 0-0 12. 0-0-0 Cf6? 13. h3 Be6 14. g4 e o ataque revelou-se decisivo. (Fuderer – Trifunović, Campeonato da Jugoslávia, 1952). Hoje sabe-se que as pretas podiam ter melhorado o seu jogo quer com 12...Da5 quer com o anterior 11...Cf6!

11. Dd2

No “Chess Life Review”, Hans Kmoch aconselhou na altura 11. Dd4! Cf6 12. 0-0-0 Bf7 13. Dxd6! demonstrando que o sacrifício é muito favorável às brancas. Rossetto pretendeu reabilitar o seu sistema com 11...Bg7 12. Dxc7 Dxe3+ 13. Rd1 Tf8 14. Bb5 Ce5!! 15. fxe5 cxb5 com a ideia de 16...Bf4+, mas trata superficialmente 13. Be2 dizendo apenas que “após 13...Tf8 as brancas não podem rocar e estão ameaçadas com Ba6 e Cc5-e4”. Contudo, a vantagem parece ser das brancas depois de 14. Tf1 Ba6 15. Tf3 Dg1+ 16. Bf1 Bxf1 17. 0-0-0! 0-0-0 18. Tdxf1 Dxf2 19. Dd4! Cb6 20. h3! g5 (ou 20...Tfe8? 21. Dd3 c5 22. Dd1, Nicolau – Georgueva, Gori, 1970) 21. De4 d5 22. Df5+ Rb8 23. Dxc5 Dxc5 24. fxc5, como indica Keene numa análise de há poucos anos. E o leitor quer tentar uma nova reviravolta na conturbada teoria da variante?



- 11...Bg7 12. 0-0-0 0-0 13. Bd4 Bxd4
14. Dxd4 d5 15. Be2

“Pobres das pretas”, exclamará cheio de comiseração o leitor que tenha seguido um tanto dogmaticamente os meus longínquos artigos sobre bispos bons e bispos maus. Só que a partida não vai chegar ao final!... Os roques opostos incitam a grandes feitos de armas e a coluna *b* semi-aberta está à espera que a ocupem.

- 15...Tb8 16. a3

Impedindo 16...Db4, que seria a resposta a 16. Dxa7?

- 16...Cc5 17. The1 Bf5 18. Bf3 Db7

19. b4!?

Um grave debilitamento do flanco de dama mas perdia imediatamente 19. b3? ? Dxb3!, e na verdade era muito pouco agradável 19. Ce2 Ce4 20. Bxe4 (20. g4? ? c5) Bxe4 21. g3 c5 22. Dc3 d4 23. Db3 Da6 24. Da2 Tfd8, seguido de 25...Be6, pois se 25. Cxd4? Txd4 26. Txd4 exd4 27. Txe4 Df1+ 28. Rd2 Df2+ 29. Rd3 Df3+ 30. Rxd4 Td8+ 31. Re5 Te8+

- 19...Ce6 20. Df6

Rossetto baseia o seu contra-jogo na ameaça de 21. g4, só que o ataque das negras não visa um bispo... mas o rei!

- 20...Da6! 21. Rb2 Dc4! 22. Be2

Se 22. g4 d4

- 22...Dxf4 23. g4!



As brancas conseguiram finalmente executar a sua ameaça. Se agora 22...d4 23. gxf5 dxc3+ 24. Dxf4 Cxf4 25. Cxe4 dxe4 26. Bc4, teriam excelentes perspectivas. Mas chegou a altura das grandes decisões!

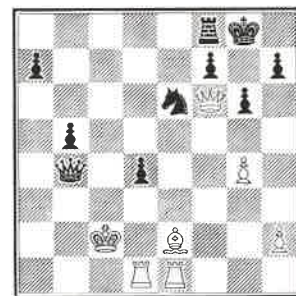
- 23...Txb4+!! 24. axb4 Dxb4s,N 25. Rc1

O melhor. Se 25. Ra1 Bxc2 26. Ca2 (ou 26. Td2 Tb8 27. Txc2 Cd4) Db6! 27. Td2 Tb8 28. Txc2 Cd4 e a ameaça de 28...Cb3+ é decisiva.

- 25...d4!

E as brancas podem abandonar, dirá o leitor mais entusiasmado... Com efeito, se 26. gxf5 dxc3 e o mate é imparável, ou 26. Ca2 Da3+ 27. Rd2 De3++, ou ainda 26. Cb1 Tb8. Mas Rossetto ainda encontra um meio de manter a luta acesa!

26. Cb5!! Bxc2! 27. Rxc2 cxb5



Em (normais!) apuros de tempo, as brancas falharam aqui a melhor defesa jogando...

28. Bxb5? ?

Uma das interrogações é pelo erro... e a outra pelo “boicote” a uma vitória ainda mais brilhante!

- 28...Tc8+ 29. Rd3 Dxb5+ 0:1

Se 30. Re4 Db7+ 31. Rd3 Tc3+ 32. Re2 Dg2+ etc.

Mas voltemos à posição do diagrama. Depois de 28. Bf3! como forçaria o leitor as coisas a seu favor? Se é preguiçoso e não está para descobrir uma bonita variante de nove lances, corra à página 189. Uma ajudazinha: é tudo com xeques (e que xeques!...), até se ganha a dama.

ÁLVARO PEREIRA

INTERNACIONAL

CAMPEONATO MUNDIAL DE JUNIORES POR EQUIPAS

Disputando-se na cidade do México, esta prova acabou com a sensacional vitória da equipa da Inglaterra, composta por J. Mestel, J. Speelman, S. Taubut e D. Goodman, à frente da equipa soviética (GM Beljasky, MI Mikhaltchichin, MI Pantchenko, Ivanov, GM Kotchiev, Gavrikov), sem dúvida, a favorita à partida.

Os Ingleses fizeram uma série preliminar não muito brilhante, acabando em 2º lugar para vencerem todos os "matches" na fase final, derrotando a equipa soviética por 3-1! Refira-se, a título de curiosidade, que nenhum dos ingleses venceu o prémio do melhor tabuleiro, que coube, respectivamente a Beljasky (URSS) e G. Garcia (Cuba): 82%; Kotchiev (URSS): 75%; Mikhaltchichin (URSS): 75%; Filguth (Brasil) 83%; Perez (Rep. Dominicana) 75%.

Registe-se o excelente comportamento da equipa brasileira, que conquista um brilhante 5º lugar.

IVANOV (URSS) – GOODMAN (ING.)

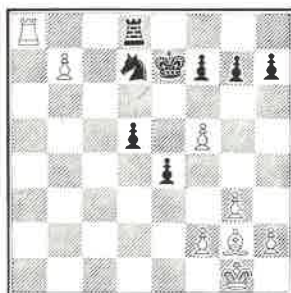
Pirc

1. e4 g6 2. d4 d6 3. Cc3 Bg7 4. Be3 Cf6 5. Dd2 c6 6. f3 Cbd7 7. Ch3 b5 8. Cf2 a5 9. Bd3 Bb7 10. Ce2 e5 11. c3 0-0 12. 0-0 d5 13. a4 bxa4 14. Txa4 Dc7 15. exd5 Cxd5 16. Bh6 c5b6 17. T4a1 e5 18. Tfe1 f5 19. Bxg7 Rxcg7 20. dxe5 Cxe5 21. Cf4 Tfe8 22. Bb5 Bc6 23. c4 Bxb5 24. cxb5 Dd7



25. Dc3 Dd4 26. Dxd4 cxd4 27. Ted1 Cec4 28. b3 Cd6 29. Txd4 Cxb5 30. Td3 a4 31. g4 a3 32. Cd5 Cxd5 33. Txd5 Cc3 34. Td7+ Rf6 35. h4 a2 36. g5+ Re6 37. Td2 Rf7 38. Rf1 Tad8 39. Cd3 Rg7 40. Rf2 b4 0:1

TAUBUT (ING.) – VILELA (Cuba)



37. f6+! gxf6 38. Bh3 Cb8 39. Bc8 Cc6 40. Ta6 Cb8 41. Ta8 Cc6 42. b8=D Cxb8 43. Txb8 Rd6 44. Ta8 Rc7 45. Bb7 Txa8 46. Bxa8 Rd6 47. Bb7 Re5 48. f4+! exf4 49. Rf2 Re4 50. Bc6 f5 51. Ba4 d4 52. Bc6+ Re5 53. Rxf3 d3 54. Re3 d2 55. Bf3 f6 56. Be2 Rd5 57. Bd1 Re5 58. Bf3 h6 59. Be2 Rd5 60. Bd1 1:0

TAUBUT (ING.) – MIKHALTCHICHIN (URSS)

Espanhola

1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Bb4 a6 4. Ba4 Cf6 5. 0-0 Be7 6. Te1 d6 7. Bxc6 bxc6 8. d4 exd4 9. Cxd4 Bd7 10. Cc3 0-0 11. Df3 Tb8 12. Tb1 Tb6 13. h3 g6 14. Cb3 Ch5 15. Be3 Tb8



16. e5! dxe5 17. Bh6 Te8 18. Txe5 Cg7 19. Td1 Ce6 20. Ce4 Tb5 21. Txe6 fxe6 22. Dc3 e5 23. Dc4+ Rh8 24. Df7 Tg8 25. Cf6 Bxf6 26. Txd7 Dxd7 28. Dxd7 1:0

CAMPEONATO (ZONAL) DOS E.U.A



Lubomir Kavalek

De três em três anos, o Campeonato dos Estados Unidos tem o alicante de valer como zonal, pelo que apura para um dos torneios interzonais, a disputar no ano seguinte, à semelhança, aliás do que aconteceu com o Campeonato soviético e com o Campeonato canadiano. Este ano, realizou-se em Pasadena, com a participação de 8 GM e 7 MI. Por desacordo em relação à iluminação da sala do torneio, o GM Walter Browne abandonou a prova. Lubomir Kavalek obteve o primeiro lugar destacado com 10 pontos de um total de 14, seguido de Tarjan com 9, ambos qualificados para um dos Interzonais. Shamkovitch e Mednis, empatados no terceiro posto com 8 pontos, terão de disputar um "match" para a decisão do terceiro representante americano à fase seguinte do campeonato do mundo. Os jogadores restantes ordenaram-se como segue: 5º Weinstein, Lein, R. Byrne 7 1/2; 8º Rogoff 7; 9º Lombardy, Benko 6 1/2; 11º Zuckerman, Soltis 6; 13º Christiansen 5 1/2; 14º Regan, Commons 5. O vencedor recebeu 400 dólares de prémio, o último classificado 400.

KAVALEK – COMMONS

Siciliana

1. e4 c5 2. Cf3 d6 3. d4 cxd4 4. Cxd4 Cf6 5. Cc3 a6 (a variante Najdorf, tanto do agrado de Fischer) 6. Bg5 Cc6 7. Dd2 e6 8. 0-0-0 h6 9. Be3 Bd7 10. f4 b5 11. Bd3 Be7 12. Rb1 Dc7 13. h3 0-0 14. g4 Tfc8 15. Thg1 Cxd4 16. Bxd4 b4 17. Ce2 e5.



18. g5! hxg5 19. fxe5 Ch7 20. exd6 Dxd6 21. h4 g4 22. e5 Dc6 23. Cf4 Cf8 24. De2 Dh6 25. Be3 Bc5 26. Cd5 Bxe3? (Necessário era 26... Dh5, embora após 27. Be4 Ta7 28. Df2 Bxe3 29. Cxe3 as brancas mantenham vantagem) 27. Cxe3 a5 28. Bf5 Be6 29. Cxg4 Df4 30. Cf6+ 1:0 (o mate no lance seguinte é inevitável).

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Total
1. Inglaterra	*	3	2½	2½	2½	2½	3½	3	3½	3½	26½
2. URSS	1	*	3	2	3	2½	4	3	3½	3½	25½
3. Cuba	1½	1	*	2	3	4	2½	3½	3	4	24½
4. EUA	1½	2	2	*	2½	2½	2½	2½	3	4	22½
5. Brasil	1½	1	1	1½	*	2	2	2	3	3½	17½
6. Canadá	1½	1½	0	1½	2	*	1	3	3	2	15½
7. Colômbia	½	0	1½	1½	2	3	*	2½	1½	2½	15
8. México	1	1	½	1½	2	1	1½	*	1½	3	13
9. Austrália	½	½	1	1	1	1	2½	2½	*	2	12
10. Escócia	½	½	0	0	½	2	1½	1	2	*	8

GRUPO FINAL B

11º República Dominicana 21, 12º México "B" 20, 13º El Salvador, Luxemburgo 17, 186 Janeiro de 1979

15º Nicarágua e Porto-Rico 15 1/2, 17º Jamaica 11 1/2, 18º Líbia 9. Portugal não participou.

ALVARO FERNANDES

SECÇÃO DE CONSULTA

P. — 1) Robert Fischer já defrontou algum xadrezista português? Qual é a sua idade? O que é presentemente a sua vida particular? Indique-me uma partida que Fischer tenha ganho em poucos lances e de forma espectacular.

2) Como pode o grupo de acção desportiva (GADE) adquirir material a preço acessível? À F.P.X.? À D.G.D.?

3) Quantos grupos e jogadores se encontram filiados na FPX?

Rui Silva — FIGUEIRO DOS VINHOS

R. — 1) Tanto quanto sei defrontou Joaquim Durão na Olimpíada de Havana de 1966. O resultado foi o que se esperava.

Fischer nasceu em 9 de Março de 1943 em Chicago, tendo portanto, 35 anos. Presentemente vive dos rendimentos sob a protecção espiritual duma daquelas seitas americanas que são um negócio da China

Letelier-Fischer, Leipzig 1960, Índia de rei:

1. d4 Cf6 2. c4 g6 3. Cc3 Bg7 4. e4 00 5. e5 Ce8 6. f4 d6 7. Be3 c5 8. dxc5 Cc6 9. cxd6 exd6 10. Ce4 Bf5 11. Cg3 Be6 12. Cf3 Dc7 13. Db1 dxe5 14. f5 e4 15. fxe6 exf3 16. gxf3 f5 17. f4 Cf6 18. Be2 Tfe8 19. Rf2 Txe6 20. Te1 Tae8 21. Bf3 Txe3 22. Txe3 Txe3 23. Rxe3 Dxf4+ 0:1.

2) Em Portugal a preço bastante acessível temos a água da chuva e a chuva dos discursos políticos. Quanto a material de xadrez, qualquer comerciante de artigos de desporto o pretenderá convencer de que as "pedras" são vendidas a preços acessíveis "até porque as reivindicações dos trabalhadores, a crise do petróleo e a inflação... fazemos subir os preços!" É elementar, não é?

Os clubes, sem cheta sequer para os bailes do fim do ano, é que não vão na fita de largar umas massas para os intelectuais lá do sítio se entreterem à noite, quando têm o "Astro" que, enfim, sempre é cultural.

Mas se no clube até há o dominó e a lerpa porque raios querem também o xadrez? Este até nem paga "barato" e, compreendem, é preciso dinheiro para pagar ao Zé Manel que já ameaçou ir jogar para o Cascalheira.

A Federação de Xadrez, a seguir a um acontecimento passado há para aí uns quatro anos, resolveu aplicar em peças e tabuleiros o dinheiro que subitamente lhe caiu nos cofres. E isto sem nenhum estudo de rentabilidade do investimento, calculem. Foram então desbaratados alguns milhares de jogos por todo o bicho careta que, sem estar preparado, vejam só, queria jogar xadrez.

Este caos não podia continuar está bem de ver, até porque havia a Balança de Pagamentos e o FMI. Vai daí a DGD cortou nos últimos tempos uns dinheiros que a FPX queria continuar assim a desperdiçar. E com razão. Pois já se viu algum xadrezista trazer alguma medalha de prata, contribuindo deste modo para as reservas do nosso país?

Portanto se vocês aí do GADE querem jogar xadrez dediquem-se ao dominó ou à bisca. Mas se insistem nesse luxo então paguem. Que diabo, estamos em austeridade! Se não quiserem pagar como é que vamos ser, em 1990, o país mais avançado da Europa?

3) No final da época de 1978 estavam inscritos na Federação Portuguesa de Xadrez 127 grupos e 2023 jogadores.

P. — Como se processa a classificação Elo num torneio oficial em que nenhum dos participantes tenha ainda pontuação?

José F. T. Gamelas — AVEIRO

R. — Como pode verificar no Regulamento Técnico do sistema de classificação pontual da FPX (artsº 9 d) e artsº 15 nesse caso não se procede ao cálculo das classificações pontuais. Pois se não há metro, como quer medir?

Para que os jogadores sem classificação pontual a obtenham devem participar num torneio em que pelo menos 25% dos participantes tenham já pontuação Elo.

P. — 1) Quais as medidas ideais de um jogo de xadrez?

2) O que é o lance secreto?

José M. Rodrigues — BARREIRO

R. — 1) Como é natural a dimensão do quadrado do tabuleiro deve estar de harmonia com a base das peças e com a sua altura.

Para mim seria ideal o tabuleiro de 44x44 cm com peças em que o rei tivesse 4 cm de base e 9 cm de altura. Todavia é plenamente aceitável um conjunto de dimensões mais reduzidas: 40x40, para o tabuleiro e 7x3 para o rei, por exemplo.

2) Se o jogo de xadrez não tivesse limites de tempo a respeitar então um jogador podia nunca perder. Bastava que não executasse lance nenhum quando visse que estava perdido!

O jogo de xadrez joga-se também com um relógio especial, de tal forma que um jogador, depois de executado o seu lance, ao carregar num botão pára o seu cronómetro, colocando simultaneamente em funcionamento o do seu adversário.

Se no fim do tempo previsto de início, um dos jogadores não faz o número de lances prescrito perde por tempo.

Suponhamos um ritmo de 18 lances por hora em que o primeiro controlo de tempo é feito às duas horas e em que cada sessão dura quatro horas. Se um dos jogadores ultrapassar as suas duas horas de reflexão sem ter executado 36 lances perde por tempo (artº 17 nº 1 das Regras do Jogo de Xadrez da FIDE).

Todavia, no nosso exemplo, dois jogadores A e B jogam rapidamente e realizam ambos 36 lances sem que qualquer deles esgote as duas horas. Devem continuar jogando pois a sessão é de 4 horas.

Terminadas as 4 horas da sessão, o jogador que tiver o lance deve registá-lo (em notação completa) na sua folha de registo, só podendo parar o relógio depois de a ter colocado, assim como a do seu adversário, num envelope, e de o ter fechado (artº 15 das Regras).

Este lance reservado é o chamado lance secreto. É com ele que o jogo começará na 2ª sessão da jornada a que respeita a partida.

P. — No livro "Xadrez Básico", pag 379, o autor, após os lances 1. e4 Cf6 2. e5 Cd5 3. d4 d6 4. Cf3 Bg4 5. Be2 desaconselha 5...Bxf3 6. Bxf3 dxe5 7. dxe5 e6 8. c4. Ora após 5...c6 6. 0-0 já se joga 6...Bxf3 7. Bxf3 dxe5 8. dxe5 e6 9. De2. Por que razão não insistem as brancas em 9. c4?

Vítor M. B. Perdigo — SEIXAL

R. — Na primeira variante o P7 está no "ar" e na segunda não.

P. — Quais as obras mais completas sobre a teoria de aberturas? Estão à venda em Portugal?

Paulo A. R. Leal — PORTO

R. — A mais completa é a "Enciclopédia das Aberturas de Xadrez", da Sahovski Informator, de Belgrado. Saíram 4 dos 5 volumes previstos. Pode adquiri-las a J. Nogueira, Rua Luciano Cordeiro, 19 r/c Esq. Lisboa.

P. — 1) Como me posso inscrever na FPX?

2) Como posso jogar xadrez por correspondência?

Jorge A. Pereira — SANTIAGO DO CACÉM

R. — 1) A FPX para promover o associativismo não aceita inscrições individuais. Os adeptos do xadrez que desejam filiar-se devem dirigir-

-se a um clube inscrito na FPX com 2 fotografias tipo passe e 10\$00. Assinam um boletim de inscrição e pronto! Está feita a inscrição para uma época.

Em Santiago do Cacém não há nenhum clube inscrito na FPX pelo que terá de filiar-se por um outro clube de fora. Mas... porque não dinamizar uma secção de xadrez em qualquer agremiação aí do burgo?

2) Escreva para o Dr. Jorge Babo, Av. Dr. Manuel Gaspar de Lemos, 13 — 2º Esq., Figueira da Foz, que lhe dará todas as informações.

Os torneios são permanentes, com cinco jogadores e duram um ano. Pode inscrever-se numa série da III Divisão juntando 50\$00.

P. — Na espanhola depois de 1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Bb5 a6 4. Ba4 b5 5. Bb3 Ca5 6. Cxe5? De7 7. d4 d6 8. Cf3 Dxe4+ 9. Be3 Bd7 Pachman diz que as negras estão melhor. Não me pareceu, pois acho que as brancas, depois de 0-0, podem pressionar na coluna e, aproveitando o deficiente desenvolvimento da ala de rei negra.

Parece preferível 9...Be7 10. Cc3 Dg6 e se 0-0 então Bh3 com evidente vantagem negra. Se 11. g3 as negras com Bh3 impedem o 0-0 e conseguem excelente posição. Qual a sua opinião?

António L. Ferreira

R. — Já reparou que na sequência que enviou falta 6...Cxb3 7. axb3? Nesta variante 10...Be7 será mau pois 11. Cc3 força a dama a recuar na grande diagonal, pois se 11...Dg6? então 12. Cxb5.

A notação descritiva que os jogadores de línguas espanhola e inglesa teimam em usar presta-se a numerosos erros. No livro de Pachman há bastantes e um deles é o 10º lance negro que não é Bd7 mas Bb7.

Depois de 10...Bb7 11. Cf3 Dg4 as negras estão melhor e se 11. 0-0 as negras podem até rocar para o flanco de dama.

P. — Gostaria que me aconselhasse um bom livro de apoio à prática do xadrez por correspondência. Onde obtê-lo?

João Barbosa — LISBOA

R. — Desconhecendo a sua força de jogo e os seus conhecimentos é difícil aconselhá-lo. Partindo do princípio de que o livro que pretende trate de aberturas, a Enciclopédia, de que já falei várias vezes, é o melhor tratado geral. Tem porém dois defeitos: é cara e não ensina xadrez a quem não o sabe. O GM Suetin, quando esteve em Portugal em 1976, surpreendeu-se de ver tanta gente com a Enciclopédia debaixo do braço e, depois de os desfazer nalguma simultânea, dizia-me: "a Enciclopédia é para grandes mestres. Pois se há aqui quem não saiba rocar ou tomar na passagem!"

Há um pouco de exagero no comentário, mas tem razão de ser.

Se não tem muito dinheiro para gastar, pode adquirir o livro de Pachman sobre aberturas, editado pela Presença. Mesmo assim prepare duas do Camilo!

P. — Na 3ª partida do match Korchnoi-Karpov não se podia jogar 30. De7? Parece mais forte do que 30. Dh4 e liquidava o opositor.

Sérgio Pereira — OLHÃO

R. — A resposta 30...De6 é suficiente.

P. — Na seguinte posição B: Re2, Th1, Bh5, a4, b3, e4, f4, g4, g5; N: Rg7, Bd4, Be8, a6, b4, c5, e5, f7, g7; analisada na RPX nº 7, e em que eu tinha as brancas, que tal 1...c4 2. Tc1?

Edgar C. A. — CASCAIS

R. — As brancas estão aviadas com 2...cxb3. Por exemplo: 3. a5 b2 4. Tb1 Ba4 5. Rd2 Bc3+ 6. Rd3 Bb3 7...Ba2.